

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROJETOS EXPERIMENTAIS EM JORNALISMO



Estúdio Aberto



*Trabalho apresentado na disciplina de
Processos Experimentais como requisito
parcial para a obtenção do Título de
Bacharel em Comunicação Social,
habilitação em Jornalismo.*

Onde o ouvinte é o debatedor

Autor: Fábio Franco Codevilla

*Santa Maria
1996*

M.5.96.9

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROJETOS EXPERIMENTAIS EM JORNALISMO

A Banca Examinadora, abaixo-assinada, aprova o trabalho

ESTÚDIO ABERTO
ONDE O OUVINTE É O DEBATEDOR

Elaborada por
Fábio Franco Codevilla

Prof. Orientador
Paulo Roberto de Oliveira Araújo

*Trabalho apresentado na disciplina de
Projetos Experimentais como requisito
parcial para a obtenção do Título de
Bacharel em Comunicação Social,
Habilitação em Jornalismo.*

Membros da Banca Examinadora:

Prof. Paulo Roberto de Oliveira Araújo - Presidente

Prof. Glaise Bohrer Palma

Aurea Evelise Fonseca

Autoria: Fábio Franco Codevilla

Prof. Eudes Clécio - Suplente

Avaliação

Santa Maria

1996

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROJETOS EXPERIMENTAIS EM JORNALISMO

A Banca Examinadora, abaixo-assinada aprova o trabalho

ESTÚDIO ABERTO
ONDE O OUVINTE É O DEBATEDOR

Elaborada por
Fábio Franco Codevilla

Prof^o. Orientador:
Paulo Roberto de Oliveira Araujo

Membros da Banca Examinadora:

Prof^o. Paulo Roberto de Oliveira Araujo - Presidente _____

Prof^a. Gláise Bohrer Palma _____

Áurea Evelise Fonseca _____

Prof^a. Eunice Olmedo - Suplente _____

Avaliação: _____

Santa Maria
1996

"A radiodifusão poderia ser o maior meio de comunicação já imaginado na vida pública, um imenso sistema de canalização. Isto é, seria, se fosse capaz não apenas de emitir, mas também de receber; em outras palavras: se conseguisse que o ouvinte não apenas escutasse, mas também falasse, que não permanecesse ilhado, mas relacionado."

Bertolt Brecht

Dedicado aos meus pais, a quem eu devo tudo que sou.

*Ao Paulo Roberto Araujo pelo seu caráter e pela constante
preocupação com minha formação profissional.*

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO

Devo agradecer a duas pessoas:

*I - O RÁDIO E A RÁDIO UNIVERSIDADE
Ao meu amigo Paulo Finger, por ter abraçado
e lutado por essa idéia,*

&

*À Áurea Fonseca, diretora da Rádio Universidade,
por sempre ter acreditado no nosso trabalho.*

II - O DEBATE RADIODÔNICO

II.1 - O ESTÚDIO JÁ ESTÁ ABERTO

II.1.1 - OS PROGRAMAS

II.1.1.1 - PROGRAMA Nº1 - VICIOS E MANIAS

II.1.1.2 - PROGRAMA Nº2 - PRECONCEITO

II.1.1.3 - PROGRAMA Nº3 - CÍTRUA EM SANTA MARIA

II.1.1.4 - PROGRAMA Nº4 - EDUCAÇÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

BIBLIOGRAFIA

ANAIIS DE PROJETOS EXPERIMENTAIS

SUMÁRIO

Resumo

Título: Estúdio Aberto - Onde o ouvinte é o debatedor

Autor: Fábio Franco Codevilla

Pág.

Orientador: Paulo Roberto de Oliveira Araújo

RESUMO *comunicação Verbal - Habilidades - Análises*

i

Projeto Experimental (X) - Análises (1 - 3)

INTRODUÇÃO

1

I - O RÁDIO E A RÁDIO UNIVERSIDADE

4

I.1 - RÁDIO UNIVERSIDADE DE SANTA MARIA

6

I.1.1 - INTEGRAÇÃO COM A FACOS

8

II - O DEBATE RADIOFÔNICO

9

II.1 - O ESTÚDIO JÁ ESTÁ ABERTO

14

II.2 - OS PROGRAMAS

19

II.2.1 - PROGRAMA Nº1 - VÍCIOS E MANIAS

20

II.2.2 - PROGRAMA Nº2 - PRECONCEITO

23

II.2.3 - PROGRAMA Nº3 - CULTURA EM SANTA MARIA

26

II.2.4 - PROGRAMA Nº4 - EDUCAÇÃO

29

CONSIDERAÇÕES FINAIS

32

BIBLIOGRAFIA

34

ANAIS DE PROJETOS EXPERIMENTAIS

Resumo

Título: Estúdio Aberto - Onde o ouvinte é o debatedor

Autor: Fábio Franco Codevilla

Orientador: Paulo Roberto de Oliveira Araujo

Curso de Comunicação Social - Habilitação: Jornalismo

Projeto Experimental (x)

Monografia ()

Este trabalho consiste em um projeto experimental na área de rádio. Os objetivos desse projeto foram produzir e apresentar quatro programas de debates; e analisar a dinâmica dos mesmos, levando em conta a produção, o desempenho do mediador e dos debatedores. O programa foi o Estúdio Aberto, produzido e apresentado pelos acadêmicos Fábio Franco Codevilla e Paulo Oscar Beheregarai Finger. O Rádio é o veículo de comunicação de maior alcance e mais próximo de seu público. Além disso, o ouvinte de Rádio é muito mais fiel do que um leitor ou um telespectador, e por isso, participa ativamente seja por telefone ou carta. Atualmente, o ouvinte não liga mais só para questionar, e sim para opinar. Nesse projeto, o conceito de interatividade no meio vai além de tudo isso, ou seja, o ouvinte é levado para dentro da emissora e para “dentro do Rádio”, para ser parte da mesa debatedora. Por ser um projeto experimental ele necessita ter um caráter inovador. Logo o Estúdio Aberto não se assemelha aos programas de debates convencionais. A começar pela escolha dos convidados. Os programas de debates sempre levam especialistas em determinados temas para debaterem. No Estúdio Aberto, os debatedores foram pessoas comuns, da comunidade, enfim, pessoas que não são autoridades no assunto. É claro que houve um critério de escolha desses convidados, que foi o seguinte: o convidado precisava ter o hábito de ouvir Rádio. Dessa maneira, há um contato ainda maior entre ouvinte e seu veículo de comunicação. O outro fator que difere o Estúdio Aberto dos debates convencionais é a escolha da pauta. As pautas dos programas sempre são escolhidas pelos próprios jornalistas, nesse projeto quem determinou a pauta, também foram ouvintes de Rádio. Além disso, foram gravados depoimentos de autoridades no tema para servir de incentivo ao debate. Os depoimentos deveriam ter, preferencialmente, pontos de vista antagônicos, havendo a possibilidade de todos serem inseridos no decorrer do programa. Essa foi a essência do Estúdio Aberto, um programa de debates onde o ouvinte é a autoridade. Os objetivos foram alcançados, uma vez que se verificou a viabilidade de se produzir programas desse gênero.

levado para dentro da emissora e para "dentro do Rádio", para ser parte da mesa debatedora.

O outro fator inovador no Estúdio Aberto foi a escolha da pauta.

Elas sempre são selecionadas pelos próprios participantes nesse projeto quem a determinou, foram ouvintes de Rádio Campesina, com o intuito de uma democratização da mídia, dando voz para quem costuma debater temas e seu próprio interesse.

INTRODUÇÃO

Alem disso foram convidados especialistas de autoridade e respeito para servir de incentivo ao debate.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a viabilidade de um estudo tomando como base, a possibilidade de se produzir um programa de debates tendo o ouvinte como debatedor. Esse programa foi o Estúdio Aberto, que tinha duração mais curta, de 15 a 20 minutos, sua caracterização criou em uma hora de duração e fez parte do projeto experimental de conclusão de curso, veiculado essencialmente para a educação de jovens e adultos. Ainda encontramos dados dos acadêmicos Fábio Franco Codevilla e Paulo Oscar Beheregarai Finger.

Por ser experimental ele necessita ter um caráter inovador. Logo, o Estúdio Aberto foi diferente dos programas de debates convencionais, a começar pela escolha dos convidados.

Geralmente os programas de debates levam especialistas em determinados temas para debaterem. No Estúdio Aberto, os debatedores foram pessoas comuns, da comunidade, enfim, que não são autoridades no assunto. É claro que houve um critério na escolha desses convidados, que foi o seguinte: o convidado precisava ter o hábito de ouvir Rádio. Dessa maneira, houve um contato ainda maior entre o ouvinte e seu veículo de comunicação. Com isso, ampliamos o conceito de interatividade que existe no meio radiofônico, afinal, o ouvinte foi

levado para dentro da emissora e para “dentro do Rádio”, para ser parte da mesa debatedora.

O outro fator inovador no Estúdio Aberto foi a escolha da pauta.

Elas sempre são selecionadas pelos próprios jornalistas, nesse projeto quem a determinou, foram ouvintes de Rádio. Com isso, se buscou uma democratização da mesma, dando o direito ao ouvinte escutar e debater temas de seu próprio interesse.

Além disso, foram gravados depoimentos de autoridades no tema para servir de incentivo ao debate.

No primeiro capítulo, o leitor vai encontrar um breve histórico sobre o veículo mais popular de toda a história: o Rádio. Sua caracterização como um veículo essencial para a educação do povo brasileiro. Ainda encontrará dados sobre a Rádio Universidade, uma das rádios universitárias mais antigas do país, sua estrutura e o perfil de sua programação.

No 2º capítulo, você encontrará informações teóricas sobre o que é entrevista, sua importância como gênero informativo e de que maneira ela foi utilizada nesse projeto.

Após essa etapa, definições sobre o debate, considerando-o como um meio ágil de se comunicar com o público, além da estrutura e meios de se produzir.

No mesmo capítulo, a descrição de como nasceu o Estúdio Aberto, o modo que foi feito, seu formato e estrutura. Finalizando, a análise de todos os programas, seus erros e acertos, o desempenho dos mediadores, produção e convidados.

A seguir, encontra-se a conclusão do trabalho. O resultado de uma série de reflexões feitas durante a execução desse relatório.

Em anexos, dados sobre todos os convidados do Estúdio Aberto e alguns roteiros do programa.

I - O RÁDIO E A RÁDIO UNIVERSIDADE

Roquete Pinto é um dos nomes obrigatórios que deve ser guardado e lembrado na história brasileira, já na década de 20, tinha a coragem de afirmar que o Rádio é o jornal dos que não sabem ler. Um antropólogo brasileiro voltado essencialmente à difusão da cultura no país, defendia que o rádio deveria ser colocado a serviço da educação e cultura, para reduzir, já na época, os elevados índices de analfabetismo do seu país.

“Durante praticamente toda a década de 1920, o rádio brasileiro caracterizou-se pela produção de programas simples - informativos ou musicais - que eram resultado da falta de investimento no setor. Os anos 30, entretanto, trazem uma mudança súbita e fundamental na programação radiofônica, mais especificamente a partir de 1932, quando vai ao ar aquele que pode ser considerado o primeiro *jingle* do rádio.” (MOREIRA 1991, p.22)

Com o advento da publicidade no rádio, o recém-nascido veículo pode se estruturar em bases mais sólidas e duradouras. E algumas mudanças logo foram se evidenciando, tais como a discreta substituição dos programas culturais-educativos por programas populares, voltados ao lazer e à diversão. Programas de auditório, humorísticos e com muita música popular foram característicos e

decisivos para que as emissoras começassem a se estruturar como empresas. Além dessa mudança na programação, a publicidade teve um papel importante para o surgimento do que hoje é marca característica do meio.

"A publicidade também influiu diretamente na introdução do jornalismo radiofônico no Brasil: em agosto de 1941, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro transmitia a primeira edição do *Repórter Esso*, informativo que permaneceu no ar durante 27 anos até 1968, que alterou completamente o padrão brasileiro." (MOREIRA 1991, p.26)

I - O RÁDIO E A RÁDIO UNIVERSIDADE

Roquete Pinto é um dos nomes obrigatórios que deve ser guardado e lembrado na história brasileira, já na década de 20, tinha a coragem de afirmar que o Rádio é o jornal dos que não sabem ler. Um antropólogo brasileiro voltado essencialmente à difusão da cultura no país, defendia que o rádio deveria ser colocado a serviço da educação e cultura, para reduzir, já na época, os elevados índices de analfabetismo do seu país.

"Durante praticamente toda a década de 1920, o rádio brasileiro caracterizou-se pela produção de programas simples - informativos ou musicais - que eram resultado da falta de investimento no setor. Os anos 30, entretanto, trazem uma mudança súbita e fundamental na programação radiofônica, mais especificamente a partir de 1932, quando vai ao ar aquele que pode ser considerado o primeiro *jingle* do rádio." (MOREIRA 1991, p.22)

Com o advento da publicidade no rádio, o recém-nascido veículo pode se estruturar em bases mais sólidas e duradouras. E algumas mudanças logo foram se evidenciando, tais como a discreta substituição dos programas culturais-educativos por programas populares, voltados ao lazer e à diversão. Programas de auditório, humorísticos e com muita música popular foram característicos e

decisivos para que as emissoras começassem a se estruturar como empresas. Além dessa mudança na programação, a publicidade teve um papel importante para o surgimento do que hoje é marca característica do meio.

“A publicidade também influenciou diretamente na introdução do jornalismo radiofônico no Brasil: em agosto de 1941, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro transmitia a primeira edição do *Repórter Esso*, informativo que permaneceu no ar durante 27 anos (até 1968) e que alterou completamente o padrão dos jornais-falados vigentes, até então, no rádio brasileiro.” (MOREIRA 1991, p.26)

Não se discute a enorme importância e contribuição que o *Repórter Esso* deu ao jornalismo brasileiro. Através dos slogans “O primeiro a dar as últimas” e “Testemunha Ocular da História” o *Repórter Esso* virou sinônimo de veracidade da informação e credibilidade.

Certamente essa época foi decisiva para transformar o rádio, o meio de comunicação de massa mais popular, mais abrangente em termos de alcance de público e ainda imbatível na velocidade de distribuição de informações. O rádio é o sistema de distribuição de mensagens mais extenso, ágil e barato com que conta a sociedade atual. É por isso que a notícia veiculada pelo rádio é a primeira.

Um fator muito importante a ser analisado é que o rádio, antes de tudo, é companhia e diversão.

“Companheiro por excelência, o rádio está presente nas mais diversas situações cotidianas: é um meio de lazer, um veículo para denúncias, troca ou transmissão de informação, além de servir (especialmente no Brasil de hoje) como uma das ferramentas utilizadas pelo e para o poder.” (MOREIRA 1991, p.9)

Ele pode ser ouvido em qualquer lugar, em qualquer situação, afinal o ouvinte pode estar ocupado com alguma atividade sem dispensar a sua companhia. Além de poder participar da programação seja por telefone, cartas ou diretamente.

Preocupado com os problemas cotidianos do cidadão comum, o rádio assume, muitas vezes, a postura de prestador de serviços, trazendo também muita informação e cultura. O intercâmbio de informações, veículo-receptor, é fundamental.

O rádio educativo deve estar a serviço das maiorias, ou seja, no Brasil, os excluídos. E para isso ele é o meio ideal, afinal, não é necessário saber ler e escrever, para estar informado. “A importância do rádio como meio informativo se deve ainda a outra característica: sua *capacidade de se comunicar* com um público que não necessita uma formação específica para decodificar a mensagem. (PRADO 1989, p.28)

I.1 - Rádio Universidade de Santa Maria

Levando em consideração todo o idealismo de Roquete Pinto, Santa Maria não ficou para trás. Um grupo de idealistas, fundaram em maio de 1968, a Rádio Universidade.

Alguns nomes são necessários que se ressaltem. Entre eles: José Mariano da Rocha Filho, o Reitor na época; Antônio Abelim, primeiro diretor da Rádio Universidade; Quintino Oliveira, Nicola Garofallo e Saulo Dalfollo.

1.1.1 - Hoje, não há dúvidas de que a Rádio Universidade contribuiu para o crescimento da própria Universidade, além do crescimento de Santa Maria e sua região. A Faculdade de Comunicação Social mantém um importante vínculo com

a Rádio. Contribuindo para o desenvolvimento da educação e difusão da cultura, a rádio já teve muitos programas importantes, alguns se mantêm até hoje, entre eles o *Panorama Agropecuário*.

Também marcou época, o *Era uma vez...*, onde se criavam histórias ecológicas.

Outro programa importante para a história da Rádio é o *Antes que a Natureza morra*, do professor aposentado James Pizarro, divulgando sempre a ecologia e sua preservação.

Quanto a programação diária, existe uma fórmula de desenvolvimento: manhãs informativas, tardes com música e informação e noites musicais.

Áurea, em entrevista ao autor deste trabalho, garante que as manhãs por serem somente informativas, não se tornam chatas, são repletas de trilhas e vinhetas que dão um clima mais informal à programação. Durante a tarde, as informações são gerais, englobando cultura, agenda, educação, enfim, temas mais leves. À noite, é pura música, e para todos os gostos, do jazz à música popular brasileira.

A programação da Rádio Universidade é totalmente eclética, atendendo a diversos gostos e assuntos. São ouvintes que prezam pela qualidade.

I.1.1 - Integração com a FACOS:

A Faculdade de Comunicação Social mantém um importante vínculo com a Rádio, através do projeto Rádio-Escola. Nele, alunos de Jornalismo produzem e apresentam vários programas radiojornalísticos, desde o 4º semestre letivo. Os programas vão tomando uma importância cada vez maior, no decorrer do curso, acumulando um referencial teórico, e acima de tudo experiência. Além de criar desde cedo, a consciência social que todo jornalista deve ter. Cabe lembrar que alunos de Relações Públicas também estão envolvidos no projeto Rádio-Escola, prestando assessoria para a Rádio.

A Rádio Universidade é um grande laboratório de aprendizado dos acadêmicos de Comunicação Social, contribuindo para a capacitação dos mesmos.

Áurea Fonseca acha essa integração um processo muito enriquecedor, afirmando que com isso, se coloca o aluno e o professor para dentro do Rádio.

Cremilda Medina, em seu livro Entrevista - O diálogo possível, teoriza de uma maneira clara e objetiva, conceitos, estrutura, técnicas de realização. Este livro é fundamental para compreender esse gênero jornalístico.

Ennio Prado, em seu livro *Estrutura da Informação Radiofônica*, acrescenta a todos esses conceitos, que a entrevista é formalmente um diálogo que representa uma das formas mais arcaicas da comunicação humana. Com ela, se produz uma interação mútua entre o jornalista e um entrevistado, criando um efeito de aproximação no ouvinte.

Componente essencial do trabalho do jornalista é a responsabilidade por criar imagens na subconsciência de quem a escuta. Nesse sentido, o jornalista deve ter a

II - O DEBATE RADIOFÔNICO

Considerando que o *Estúdio Aberto* foi um programa de debates, e por ser norma básica, a objetividade e simplicidade são essenciais. Ele pressupõe o debate, é uma forma de entrevista, logo se torna necessário uma breve teorização da mesma.

São vários os conceitos, alguns acrescentam mais informações, outros nem tanto, porém, todos são unânimes em afirmar que acima de tudo é um meio de interação social.

Ela busca a comunicação pessoal, o destino da cultura de massa que procura em todos os domínios, para facilitar o contato com o público, para o mesmo é uma "falsa entrevista", argumentando que se produz uma interessá-lo, podendo chegar à individualização dos problemas.

Cremilda Medina, em seu livro *Entrevista - O diálogo possível*, teoriza de divididas em tópicos, buscando de uma maneira objetiva a opinião de uma maneira clara e objetiva, conceitos, estrutura, técnicas de realização. Este livro é fundamental para compreender esse gênero jornalístico.

Morin não delimita sua conceituação sobre tipos de entrevista, logo pode-se classificar o trabalho feito no *Estúdio Aberto* como uma entrevista de

“A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano.” (MEDINA 1986, p.8)

Emilio Prado, em seu livro *Estrutura da Informação Radiofônica*, acrescenta a todos esses conceitos, que a entrevista é formalmente um diálogo que representa uma das fórmulas mais atraentes da comunicação humana. Com ela, se produz uma interação mútua entre o jornalista e sua fonte, exercendo um efeito de aproximação no ouvinte.

Componente essencial do rádio, é muitas vezes responsável por criar imagens no subconsciente de quem a escuta. Através dela, o ouvinte deve ter a sensação de que ele é o entrevistador, para isso o jornalista deve seguir algumas normas básicas, como a objetividade, a simplicidade e a clareza. Ele passa a ser a voz do ouvinte, o intermediador do processo de comunicação.

Fundamentalmente, o Estúdio Aberto utilizou o perfil-humanizado, para nortear seu trabalho. Segundo Cremilda Medina, no livro *Entrevista - O diálogo possível*, é uma técnica onde se faz um mergulho no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamento, histórico de vida.

No projeto também se utilizou o depoimento. Alguns teóricos afirmam que o mesmo é uma “falsa entrevista”, argumentando que se produz uma comunicação unidirecional: a do entrevistado. Nele se coletam informações, divididas em tópicos, buscando de uma maneira objetiva a opinião de uma determinada pessoa.

Morin não delimita sua conceituação sobre tipos de entrevista, logo pode-se classificar o trabalho feito no Estúdio Aberto como entrevista-diálogo.

“Este diálogo é mais do que uma conversa mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram para revelar uma verdade que pode estar relacionada com a pessoa do entrevistado ou com um problema”. (MORIN 1984, p.153)

Partindo dessa teorização, Morin classifica debate como uma entrevista com vários elementos, dirigida ou controlada por um orientador, visando um modelo dialético da formação da verdade por confrontação das opiniões contrárias. Se constata, então, que ela se funde em um diálogo entre vários elementos.

Fundamentalmente, o debate é o meio de fornecer dados à opinião pública, sobre assuntos que a afetem diretamente, temas que dizem respeito a qualquer cidadão.

É um dos meios mais ágeis e atraentes de se dar, aprofundar, trocar, receber informações. Emilio Prado, no livro *Estrutura da Informação Radiofônica*, classifica esse gênero jornalístico em quatro maneiras. A primeira é a mesa-redonda, que, é a fórmula mais completa, dinâmica, ágil e atraente de polemizar no rádio. Nela participam representantes de diversos pontos de vista sobre o mesmo tema a ser debatido. Eles são expostos podendo ser contrapostos ou complementares. Muitas vezes, as pessoas não interpretam a mesa-redonda como uma forma de debate, pois, de vez em quando, não há a confrontação. É válido colocar que o programa que adota o formato de mesa-redonda corre dois riscos, o de ser um programa supérfluo, sem graça; ou então, ser um programa muito informativo, por haver complementação de idéias.

A segunda é o debate, propriamente dito, onde há o confronto aberto de opiniões.

“Do debate devem surgir os dados necessários para justificar cada postura e, em consequência, para esclarecer o tema polêmico. Do resultado do debate surgirá o posicionamento do público ao lado de uma postura ou de outra. Este posicionamento nem sempre é definido ou definitivo.” (PRADO 1989, p.93)

A terceira é o documentário. Nele a polêmica reside no tema, ou seja, se gravam entrevistas, levantando dados explicativos do assunto ou da documentação das opiniões opostas.

E por último, pode ser veiculada através de diversas fórmulas com entrevistas. Uma delas é quando os personagens não aceitam o confronto aberto. A partir disso, realizam-se pequenas entrevistas que sofrem uma montagem posterior. Nessa edição, busca-se coincidir as opiniões contrárias, para que no momento de sua transmissão, o ouvinte tenha acesso a elas de uma maneira coerente.

Outra fórmula é quando se realizam entrevistas com personagens de diversos pontos de vista, veiculando as mesmas em dias diferentes. Isso praticamente obriga-o a ouvi-las para chegar a uma conclusão final.

Ainda há a possibilidade, segundo Emilio Prado, no livro *Estrutura da Informação Radiofônica*, dos ouvintes participarem com suas perguntas por telefone ou no estúdio. O jornalista, nesse caso, além de formular as perguntas, cede espaço a eles.

E, finalmente, pode-se realizar uma entrevista com uma autoridade no tema, e após se dar a oportunidade dos ouvintes questionarem. O principal aspecto é que ouvintes e entrevistado não dialogam.

Após essa classificação, deve-se levantar elementos fundamentais para a criação de um programa de debates. O primeiro elemento é a pauta.

Como se sabe, quem a elabora é sempre o jornalista. No radiojornalismo, ela deve tratar de assuntos relevantes para o dia-a-dia do cidadão comum. Com

isso, mantém a credibilidade do veículo perante a comunidade, e a fidelidade do ouvinte que sabe que terá sempre a mão, assuntos, quase sempre de seu interesse.

O segundo elemento delimitado é a escolha dos convidados. Geralmente se levam especialistas nos temas em questão para debaterem. Quanto a escolha certa do entrevistado, Morin traça um perfil de cada tipo possível de se trabalhar.

“O entrevistado pode ser uma vedeta ou um homem da rua. Mas pode ser simplesmente outrem. As vedetas ou ‘olímpicos’ são os piores e os melhores entrevistados. Os piores: têm um admirável sistema de defesa, pois ser olímpico, político, mundano, estrela de cinema, escritor, etc. é estar em constante representação no mundo. Neste sentido, o olímpico continua a desempenhar um papel durante a entrevista, sobretudo quando sabe e sente que o público exige dele uma certa imagem. Os melhores: olímpicos, atores, escritores são ao mesmo tempo personalidades exibicionistas-narcisistas cujo prazer de falarem de si as pode levar a falar profundamente de si próprias. Os escritores, sobretudo, podem fornecer bons entrevistados. Alguns deles puseram na entrevista um verdadeiro empenho pessoal, um esforço virado para a elucidação de si próprios. Do homem de rua, geralmente só se espera ou só se retém uma reação brusca. É a entrevista-relâmpago, que pretende obter imediatamente a opinião de rua. O outro é o entrevistado considerado como ser humano a conhecer, e não enquanto representante de uma determinada profissão, classe ou idade. Ao outro corresponde, evidentemente, a entrevista profunda. O outro pode ser escolhido por ter vivido uma experiência particularmente intensa (um fugido de um campo de concentração), mas também pode ser uma mãe de família interrogada sobre a felicidade... (MORIN 1984,p.154)

11.1 - Pode-se notar, que Morin, no seu livro Sociologia- A Sociologia do Micro Social ao Macro Planetário, já incluía nesse perfil a pessoa comum como uma fonte de informação.

E foi através dela, que o Estúdio Aberto se baseou. A pessoa que pode ter vivido uma experiência diferente, a mãe de família... Partindo dessas possibilidades, Morin se mostrava otimista quanto a utilização do meio. Nesse

Acreditava que pela primeira vez, a palavra poderia ser dada a um desconhecido, ter repercussão, ser transmitida a milhões de seres humanos. Porém, ele já tinha em mente que não estávamos no começo do que poderia ser, neste domínio, o pensamento de uma política da telecomunicação, que consistiria em fazer brotar a palavra profunda de um indivíduo, de uma camada, de um grupo, no limite de uma sociedade.

“O autoritarismo institucional acentuou a limitação de vozes no circuito da comunicação coletiva. Como não podia deixar de ser, a pluralidade de pontos de vista foi negada à sociedade através do grande sistema da indústria cultural, ou pela censura explícita ou pela autocensura implícita nos meios de comunicação dependentes do beneplácito econômico ou político.” (MEDINA 1986, p.36)

Cremilda, assim como muitos profissionais e teóricos, aposta na formação de novos jornalistas, como alternativa para reverter essa situação.

Foi pensando em tudo isso, que se criou uma conscientização e se amadureceu a idéia de elaborar um programa totalmente democrático. Em meados de maio, nasceu o Estúdio Aberto.

II.1 - O Estúdio já está Aberto...

O Estúdio Aberto por ter sido um projeto experimental, deveria ter o chamado caráter inovador. E teve. Dois aspectos o diferenciaram dos demais

programas de debates feitos até o momento. O primeiro aspecto é a determinação da pauta.

Conforme dito, a pauta é sempre elaborada por jornalistas. Nesse programa, todas foram sugeridas por ouvintes de rádio. Deve-se ressaltar que a mesma é o primeiro elemento a ser trabalhado, devendo ser atraente, polêmica e, principalmente, de interesse comum.

Estava previsto no projeto experimental que se fizesse uma pesquisa para sugestão de pautas. Foi feita, e os mais diversos temas foram sugeridos, tais como: **Homossexualismo, Alternativas para o Tratamento do Lixo; Chicago Hope, Plantão Médico: sangue na TV (o estranho fascínio dos seriados médicos); Desemprego, Reforma agrária, Qualidade do ensino público, Preconceitos: mulher, negro, homossexual, aidético, posição social, Sexo na adolescência, Educação, Aborto, Pena de Morte, Drogas, Cigarro, Álcool; Produção cultural-artística nos últimos anos, porque faz sucesso Mamonas, Tiririca, Falcão; Qual a influência dos meios de comunicação de massa na formação ideológica da população, Plano Real, A moral nos anos modernos.**

A produção do Estúdio Aberto optou pelas seguintes sugestões: **Educação e Preconceito**. As outras duas foram sintetizadas, o que era pra ser *a Produção cultural-artística dos últimos anos...*, se transformou em **Cultura em Santa Maria**; e, *Drogas, Cigarros e Álcool* foram agrupadas em **Vícios e Manias**.

Foram esses os assuntos selecionados, pois são atraentes, polêmicos e de interesse comum.

A experiência no programa Rádio Ativo que é um programa de debates produzido e apresentado por estudantes de jornalismo do 6º e 7º semestres

letivos, e que faz parte do projeto Rádio Escola, deixa claro que se o tema não estiver inserido nas discussões do nosso contexto atual, corre sérios riscos de não ter um resultado satisfatório. Seja para o jornalista ou, mais importante, para o ouvinte, a quem nós trabalhamos. Como se trabalha dois semestres com o Rádio Ativo, existe a oportunidade de se experimentar o tratamento da pauta; o primeiro sempre trata de temas factuais, enquanto o segundo, são temas mais contemporâneos. Geralmente, os factuais são os que mais geram polêmica, e com isso, tornam mais atraente o programa. Os contemporâneos podem ser mais interessantes ainda, cabendo a produção do programa saber contextualizar os diferentes tópicos que serão abordados.

Concretizada esta etapa, é a hora da busca e pesquisa de informações, e da escolha dos convidados.

Mas o Estúdio Aberto tinha outro diferencial importante, a escolha do convidado. Como já foi dito, a constante preocupação com a democratização da informação, fez com que ele levasse o ouvinte de rádio para ser o debatedor. A pessoa comum, que muitas vezes teve vontade de se expressar, mas não tinha como.

O Rádio é o veículo de comunicação de maior alcance, abrangência, e mais próximo de seu público. E foi em cima dessa afirmação que o jornalista Sidney Rezende publicou na Revista da Comunicação, de junho de 1995 - nº40, um artigo sobre a força do Rádio, colocando o seguinte:

“Não preciso nem dizer que o rádio é fantástico sob o ponto de vista da integridade da língua e da propagação da nossa cultura; que tem uma amplitude enorme; que é muito superior à tevê em matéria de cobertura. A diferença é que a televisão tem redes, e as rádios só agora estão começando a formá-las. A formação de redes fará com que o

rádio se fortaleça ainda mais. Ganhe muito mais importância.” (REZENDE 1995, p.16)

Partindo dessa concepção, deve-se ressaltar que o ouvinte de Rádio é muito mais fiel do que um leitor ou um telespectador, e por isso, participa ativamente dando opiniões seja por telefone ou carta. Por essa razão, o conceito de interatividade é tão usado no meio. Mas até que ponto podemos dizer que existe uma interatividade real no rádio? O público tem voz ativa no mesmo?

Nesse projeto se levou em consideração a fidelidade que o ouvinte tem pelo seu veículo, mantendo a preocupação de se prezar por isso. Obviamente, a busca por um novo público é necessária e importante, e para essa conquista é preciso ter criatividade, credibilidade e ousadia.

Criatividade e ousadia, certamente foram fatores determinantes nesse projeto experimental. Acompanhando as discussões sobre as novas tendências no rádio, a jornalista Katy Bachman, apresenta na Revista da ABERT, de abril de 1996 - nº 110, um quadro sobre as sete tendências a observar no rádio AM, dos Estados Unidos. Uma delas é a interatividade, e sobre isso ela coloca que as estações AM atualmente se distinguem dos outros veículos pela sua capacidade de interagir com suas audiências.

“ As estações de AM atualmente já se distinguem dos outros veículos pela sua capacidade de interagir com suas audiências. O uso das linhas telefônicas para permitir a participação das pessoas em qualquer programa é cada vez mais aceito e um maior atrativo para o ouvinte, que adora ouvir a sua opinião sobre determinado assunto transmitida imediatamente após, ou até no meio, das entrevistas.” (BACHMAN 1996, p.9)

entrev Indo além dessa tendência, o objetivo do Estúdio Aberto foi levar o ouvinte para dentro do Rádio e para dentro da emissora. Houve um critério de escolha dos convidados do programa, o princípio fundamental para a participação na mesa era de que a pessoa tivesse o hábito de ouvir rádio.

Sem dúvida alguma, isso foi algo que delimitou o processo de produção do Estúdio Aberto. A busca por pessoas que tivessem o costume, e ao mesmo tempo disponibilidade de tempo e disposição para participar, foi incessante.

No Estúdio Aberto, abriu-se espaço para os ouvintes que quisessem se inscrever para o programa. Foram gravadas chamadas prévias do que era o programa e o tema que ele abordaria. Com isso, o ouvinte ligaria para a Rádio, deixando seu nome e telefone que a produção do programa entraria em contato com o mesmo.

Além da participação dos ouvintes na mesa debatedora, participavam de forma indireta, autoridades, especialistas nos temas em questão. Foram gravados depoimentos dessas pessoas, que, muitas vezes, serviam de incentivo ao debate.

Trabalhar com debate é sempre um desafio, existem vários fatores determinantes para o sucesso de um programa. Uma boa pauta, bons convidados, boa preparação do mediador e da produção, e alguns detalhes básicos, afinal, o entrevistador deve ter qualidades empáticas. Segundo Morin, ele deve suscitar a simpatia do entrevistado e também do público. O entrevistador completo é um polivalente capaz de ser provocador, e ao mesmo tempo, auditor.

Trabalhar com a pessoa comum foi um desafio. A princípio, porque o microfone do rádio, ao mesmo tempo que intimida, pode sobreativar as necessidades de expressão, isso facilmente acontece se o ambiente for bom e o

entrevistador inspirar confiança. Nesse aspecto se evidencia a importância do jornalista conversar com seus convidados antes do programa entrar no ar. Seja para conhecê-los, para eles se conhecerem e, principalmente, para orientá-los sobre a dinâmica do programa.

“Cabe ao perguntador conhecer o assunto, ainda que genericamente, e ter, pelo menos, algumas informações básicas sobre o entrevistado. Dessa forma, diminui muito o risco de se perder tempo com discussões de pouco interesse ou temas importantes serem esquecidos.” (TRAMONTINA 1996, p.215)

A soma desses fatores, também traz resultados pós-programa, afinal o convidado sai satisfeito com o debate, e se torna um ouvinte do programa, dando mais credibilidade ao mesmo.

II.2 - Os programas

A partir de agora, cabe analisar alguns aspectos positivos e negativos, constatados nos quatro programas realizados. Vale também justificar a escolha de cada convidado e avaliar o seu desempenho, sem esquecer de avaliar o desempenho da produção e da mediação.

Na descrição de cada convidado, foi feita uma classificação partindo dos quatro tipos clássicos de recepção das mensagens radiofônicas, explicadas por Abraham Moles, no livro *Informação no rádio* de Gisela Ortriwano:

- “a) *ambiental*: quando o ouvinte deseja que o rádio lhe proporcione um ‘pano de fundo’, seja através de música ou de palavras;
- b) *companhia*: o ouvinte presta uma atenção marginal interrompida pelo desenvolvimento de alguma atividade paralela;

c) *atenção concentrada*: supõe que o ouvinte, mesmo exercendo outras atividades paralelas, aumenta o volume do receptor, concentrando a atenção na mensagem que lhe interessa;

d) *seleção intencional*: é a seleção de um programa concreto por parte do ouvinte. (ORTRIWANO 1985, p.82)

Cabe lembrar que a descrição de todos os convidados está presente nos anexos. Até mesmo para compreender melhor a caracterização que será feita na análise dos programas.

A mediação foi dividida entre os dois acadêmicos envolvidos. Com a divisão, houve a possibilidade de analisar o desempenho dos mesmos, seja na produção, bem como na mediação.

Deve-se considerar que por não se tratar de especialistas nos temas, muitas vezes, os convidados não teorizavam em cima dos assuntos. Ou seja, acabavam ficando em um nível muito superficial de discussão.

II.2.1 - Programa nº 1 - *Vícios e Manias*:

Sem dúvida alguma, *Vícios e Manias* são sempre temas delicados a serem debatidos. Nesse programa, se procurou descobrir até que ponto eles influenciam a vida das pessoas, e se é possível viver sem eles.

Para começar, ele foi o único gravado. Havia dúvidas em relação ao seu rendimento. O que aconteceria se um convidado “travasse”? Se o mediador não soubesse como agir, em um caso desses?, Enfim, a dúvida de como seria o primeiro programa.

Os convidados foram:

- * Tatiane Vieira, estudante de Publicidade e Propaganda. Por ser estudante de comunicação, diz ter a necessidade de ouvir rádio sempre que pode. Gosta de analisar o que os profissionais de sua área estão produzindo. Segundo a classificação de Moles, a sua forma de recepção é do tipo *atenção concentrada*.
- * Luiz Carlos da Costa, porteiro residencial. Foi escolhido pois além de ter o hábito de ouvir rádio, principalmente na madrugada, horário em que trabalha, demonstrou interesse imediato em participar. E nada melhor do que uma pessoa extremamente simples, para caracterizar o primeiro programa. Nesse caso é do tipo *companhia*.
- * Evandro Dotto, estudante de Educação Física. Afirma que desde pequeno, tem o hábito de ouvir rádio, seja junto com seu pai, que é mecânico, seja nas horas de folga. Ouve, principalmente, para se relaxar. Sua recepção pode ser classificada como *ambiental*.
- * Rafael Durand, estudante de Música. Além de ser uma pessoa extremamente comunicativa, Rafael é daqueles que está sempre com um rádio por perto, seja para análise musical, ou para estar informado culturalmente sobre o que acontece em Santa Maria. De acordo com Moles, a recepção é do tipo *companhia*.

Como foi dito anteriormente, as autoridades também participavam do programa, mas de uma maneira indireta. Eles eram os depoentes. E nesse, se contou com os depoimentos de Maria Luiza Kahl, psicóloga do Instituto de Psicologia, da UFSM, e que já participou de um Rádio Ativo, e Fátima Klen, médica do Conselho Municipal de Entorpecentes.

A equipe do Estúdio Aberto conversou com todos os convidados, antes de entrar no ar, apresentando uns aos outros, bem como explicando a estrutura do programa.

Começou com o depoimento da psicóloga, que abordou a necessidade de se ter apego a algumas coisas, desenvolvendo assim, de um modo genérico, os vícios e as manias.

Os convidados no início se mostraram um pouco tímidos, o próprio mediador demonstrava este sentimento, além de uma certa insegurança. Isso acabou refletindo no resultado final.

O segundo depoimento, o da médica Fátima Klen, foi praticamente uma entrevista, apesar de extenso, foi produtivo. Dele se tiraram várias questões, que foram abordadas no decorrer.

Um acontecimento interessante chamou a atenção da equipe. Em um determinado momento, quando o mediador questionou se todos concordavam sobre algo que tinha sido exposto, todos balançaram a cabeça...Ou seja, falta de costume com o veículo.

Uma das participações mais produtivas foi a do estudante Evandro Dotto, enquanto que a menos proveitosa foi a do porteiro Luiz Carlos da Costa, talvez

por se sentir constrangido devido ao fato de estar rodeado de estudantes, que de uma certa forma, se expressavam com mais facilidade.

Não se pode negar, que esse programa tomou uma abordagem muito pessoal, em certos momentos. Isso sem dúvida nenhuma, foi uma falha na elaboração do roteiro. Obviamente, nenhum dos convidados poderia teorizar sobre vícios e manias, afinal, eles não eram especialistas no assunto.

Uma das características do Estúdio Aberto, foi tomar como última pergunta, o que os convidados acharam de participar do mesmo.

Evandro salientou a importância desses temas serem discutidos de uma maneira informal, Luiz Carlos disse apenas que achou ótima a participação, Tatiane colocou é válido pois foge do formato tradicional, além de ser uma alternativa do ouvinte participar da programação, e Rafael Durand frisou a importância de se discutir temas ligados ao nosso dia-a-dia.

A mediação foi de Fábio Codevilla.

II.2.2 - Programa nº 2 - *Preconceito*:

Avaliados os erros do primeiro Estúdio Aberto, o segundo já veio com algumas alterações. A primeira modificação diz respeito ao depoimento, dessa vez, ele foi dividido em tópicos, ou seja, da maneira correta.

A socióloga Catarina Zanini, professora do Instituto de Sociologia e Política da UFSM foi a depoente, pois demonstrou interesse imediato em participar ao ser convidada.

A outra modificação foi introduzir, ao iniciar, a pergunta a todos os convidados, de como era o seu hábito de ouvir rádio.

A abordagem do tema giraria em torno das seguintes questões: O preconceito realmente existe nos dias de hoje? Como ele se manifesta?

Esse programa foi transmitido ao vivo, como deveria ser. Uma curiosidade é que foi transmitido do Gabinete de Leitura da Faculdade de Comunicação Social, em virtude da Semana Acadêmica.

No segundo Estúdio Aberto os convidados foram:

* Alessandra Cavalheiro, estudante de Jornalismo. Alessandra diz que ouve rádio para estar sempre bem informada, e também por ser estudante de Jornalismo. Afirma que foi e continua sendo influenciada por seu pai, um fanático por este veículo de comunicação. Sua recepção é classificada como *seleção intencional*.

* Heitor Baiotto, professor de Educação Física. Apesar de ser um homem muito ocupado, diz que quando está em casa, todos os aparelhos estão ligados. Ressaltando a importância do mesmo como meio informativo, e, alternativo para se dar espaço a toda e qualquer informação. Nesse caso é do tipo *ambiental*.

* Edson Militz, funcionário público. Tem o hábito de ouvir utilizando-o como fonte de lazer. Como trabalha na Universidade, costuma sintonizar a Rádio Universidade, para estar informado sobre o que acontece dentro dela. Edson salienta ainda, a diversidade da programação existente nela, como um ponto positivo. A recepção pode ser caracterizada como *atenção concentrada*.

* Celso Franzen, funcionário público. Com certeza, Celso foi a única exceção em todos os programas realizados, afinal disse não ter o hábito de escutar rádio. Apesar de trabalhar na Rádio Universidade, e afirmar ser uma pessoa totalmente apaixonada por isso, diz que quando chega em casa, quer distância de sua paixão.

Feitas as apresentações, foi inserido o depoimento da socióloga Catarina Zanini para começar o debate.

Quase todo o programa traz algo novo, uma surpresa. Neste, além do depoimento bombástico de Celso Franzen, sobre o seu “hábito de ouvir rádio”, o próprio foi responsável por uma demonstração de interesse extra pelo programa. Antes de entrar no ar, ele pesquisou em três dicionários, para ver o significado do tema que seria discutido.

Praticamente em toda duração do Estúdio Aberto, os convidados esperavam ser chamados pelo mediador para se manifestarem, talvez pela timidez ou por um provável constrangimento perante ao microfone. Não há dúvidas, de que Alessandra por conhecer a dinâmica de um programa de rádio (visto que ela teve experiência teórica e prática durante quatro semestres), esteve mais a vontade do que os demais colegas de mesa, para uma discussão mais aberta, por isso, sua participação foi uma das mais importantes.

Por se tratar de um tema abrangente, a produção estava muito bem pautada. Faltou tempo para a discussão de outros aspectos do preconceito. Com uma boa mediação, seguiu um rumo natural de evolução em relação ao primeiro, ou seja, melhorou.

Prime Para finalizar, foi feita a pergunta tradicional: “O que você achou de ter participado do nosso programa?”

Alessandra Cavalheiro achou que serviu como um desabafo, ressaltando que é raro se discutir preconceito de uma forma tão aberta, Edson Militz aproveitou para discutir, trocar idéias, enfim, ajudando na construção de seu próprio ponto de vista, Heitor Baiotto colocou que são nessas oportunidades que se aprende e se constrói bons pensamentos. Além disso, ressaltou que se sentiu muito a vontade, pois o ambiente era acolhedor e chamou a atenção dos ouvintes sobre a possibilidade de participar do mesmo, Celso Franzen também aproveitou o espaço para desabafar, achando fantástica a idéia do Estúdio Aberto.

• A mediação foi de Paulo Finger. Ele estava bem pautado e seguro, o que resultou em uma programa com poucos problemas graves, em relação ao rendimento final.

II.2.3. - Programa nº 3- *Cultura em Santa Maria:*

Como foi colocado anteriormente, com o decorrer do tempo, o Estúdio Aberto, sempre avaliou seus erros e acertos. Através desse processo, se visou uma evolução natural na qualidade dos mesmos. E não há dúvidas de que eles foram melhorando.

A principal mudança nesse foi a divisão do depoimento em duas partes. Além de ser dividido em tópicos, foi veiculado em dois momentos específicos do programa. Cabia ao produtor saber a ocasião certa de inserção do mesmo.

Primeiramente, foi inserido logo após as apresentações, e a segunda parte, na metade do programa. Servindo sempre como fator de incentivo.

A depoente foi a Secretária de Cultura do Município Maristela Moura. E os convidados foram:

* Jocélia Mainardi, professora universitária. Considera o rádio, o único veículo versátil ao ponto de que você pode trabalhar ouvindo rádio. Jocélia salienta que isso não acontece em sala de aula, mas quando está em casa, mantém sempre ligado. Pode-se classificar a recepção como *atenção concentrada*.

* Valdélia Paz, radialista. Diz ser “viciada” em rádio, não consegue ficar sem ouvi-lo seja manhã, tarde ou noite. Ouve para avaliar o desempenho de outros comunicadores, e para se divertir. Aqui também é *atenção concentrada*.

* Fritz Nunes, jornalista. Ouve, principalmente, como ofício por ser jornalista. Procura programas jornalísticos para se manter informado, sem dispensar uma boa música. Nesse caso é do tipo *seleção intencional*.

* Alex Corrêa, estudante de Relações Públicas. Ressalta o valor da rádio AM como meio alternativo de informação e entretenimento. É daqueles ouvintes que não consegue parar numa só estação. Sua recepção é do tipo *ambiental*.

Com certeza, esse Estúdio Aberto foi o de maior participação dos convidados. Desde o início, houve uma descontração por parte dos mesmos ao

conversarem entre si. Deve-se considerar que praticamente todos estão ligados à comunicação, o que sem dúvida alguma, foi um fator muito positivo para o andamento do programa.

Quando isso acontece, a própria mediação se torna mais informal, criando um clima agradável para a discussão do tema em pauta, o que acabou se confirmando. A mediação foi tranquila, em poucos momentos houve a interferência do mediador para incentivar o debate.

Os depoimentos foram bastante úteis como fator de incentivo, e todos os convidados tiveram um bom desempenho. Afinal, cultura em Santa Maria é um assunto que gera muita controvérsia. A muito tempo é rotulada de “Cidade Cultura”, entretanto a atividade cultural na cidade é ínfima. Alguns alegam que é por falta de incentivo, outros porque não existem locais viáveis para atividades desse tipo.

Valdélia, que trabalha em rádio FM, saiu surpresa com esse tipo de iniciativa que se tem na Rádio Universidade, a utilização desse espaço para a discussão de temas do nosso cotidiano. Alex ressaltou a importância do rádio como companheiro, aquele que trata de nossas vidas, Fritz fez um alerta sobre a falta de programas de debates em Santa Maria, considerando esse tipo de iniciativa necessária. Jocélia colocou que o Estúdio Aberto resgata a função social desse veículo de comunicação, papel de conscientizador, fonte de informação e como meio democrático de expressão.

A mediação foi de Fábio Codevilla.

II.2.4. - Programa nº 4 - *Educação*: de jornalismo. No decorrer de sua formação acadêmica se evidenciou seu hábito. A necessidade de estar bem informado é uma. Não há como negar que esse foi um dos melhores programas. Foi através da análise dos erros que se chegou ao Estúdio Aberto, com o mínimo de falhas possíveis. Boa preparação do mediador, da produção, um bom depoimento.

O depoente foi o professor representante da 8ª Delegacia de Educação Alcides Martins Caetano. Os convidados foram:

* Maria Leodina Vieira, professora aposentada. Seu hábito de ouvir rádio é evidenciado durante as manhãs, escuta várias emissoras onde já tem sua programação preferida determinada. Sem dúvidas, sua recepção é do tipo *seleção intencional*.

* José Antonio Bertazzo, administrador. Único ouvinte que tomou a iniciativa de se inscrever para o Estúdio Aberto. Caracterizou a Rádio Universidade com uma ótima produção jornalística, além das outras que escuta regularmente. Pode-se classificar como *atenção concentrada*.

* Sérgio Cruz, funcionário público. Também trabalha com rádio, mas nem por isso deixa de ouvi-lo nas horas de folga, pelo contrário, prefere escutar sem preocupações, como um legítimo apaixonado. Nesse caso, pode ser caracterizada como *companhia*.

* Odil Matheus Fontella, estudante de jornalismo. No decorrer de sua formação acadêmica se evidenciou seu hábito. A necessidade de estar bem informado é uma das características básicas desse estudante de jornalismo. A recepção exercida por Matheus é do tipo *seleção intencional*.

O andamento inicial do programa foi parecido com o que se discutiu preconceito. No início, a maioria dos convidados estavam muito presos, com exceção de Matheus que já conhece a dinâmica deste tipo de trabalho. Matheus é formando em Jornalismo, e como tal, passou por quatro semestres de experiência teórica e prática.

Mas as pessoas foram se acostumando com o microfone, e em determinado momento, elas já debatiam entre si, sem precisar do incentivo do mediador.

A produção estava bem pautada, com isso não houve a necessidade de muitas interferências no roteiro do mediador. Ao iniciar a mediação, Paulo Finger estava muito formal em relação ao tratamento dado aos convidados. O que não os deixou totalmente descontraídos, os depoimentos não eram espontâneos, eles aguardavam serem chamados para dar seu parecer.

O que pode ter gerado uma certa controvérsia nesse programa, foi em relação a escolha da professora Maria Leodina como debatedora. Como o tema era educação, algumas pessoas a consideraram autoridade no assunto. Mas se buscássemos o especialista no tema levaríamos para debater, o próprio depoente, na ocasião, o sr. Alcides Caetano. O próprio conceito de autoridade cai no oficialismo das fontes.

É justo que se tenha esse tipo de reação, afinal não é claro o conceito que se tem sobre ela. Para o autor desse trabalho, autoridade é um especialista no assunto, a pessoa que estuda a fundo sobre um determinado assunto.

Fora isso, o programa foi extremamente informativo aos ouvintes, que, com certeza, puderam formar uma opinião partindo dos pontos de vista dos convidados.

A avaliação feita do programa, por parte dos convidados, foi a seguinte:

José Antonio Bertazzo colocou que essa é uma forma de enriquecimento pessoal e dos ouvintes, Sérgio Cruz, em poucas palavras, frisou que foi interessante ter participado. Maria Leodina afirmou que, acima de tudo, rádio é informação, Matheus deixou no ar uma proposta: de que esse tipo de programa seja seguido nas rádios comerciais, afinal, levando o ouvinte para debater, se traz à tona parte da sociedade para o rádio.

Se utilizou a mesa-redonda como formato para a execução do programa, e como tal, propensa a confrontação e complementação de idéias. No Estúdio Aberto foram poucos os momentos onde houve discussões abertas sobre um determinado assunto. A busca por um ponto de vista em comum foi um constante diante os quatro programas, o que não deixou de ser uma das fontes de atratividade e atrantes de polemização no rádio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira que se trabalhou a entrevista, não deixa dúvida que se buscou um modo mais humano para a obtenção de opiniões. É a busca de um diálogo, muitas vezes sufocada pelas técnicas convencionais.

Durante o aprendizado acadêmico, se constatou a enorme responsabilidade social que o rádio exerce sobre nossas vidas, seja como fonte de informação, entretenimento, educação. Sua abrangência, levando informação e difundindo a cultura aos lugares mais distantes do nosso país, sua força demonstrada pela fidelidade dos ouvintes. Seu papel como educador, servindo muitas vezes como aquele rádio que Roquette Pinto já dizia, sendo “o jornal dos que não sabem ler”.

O Estúdio Aberto possibilitou que pessoas comuns, que talvez nunca tivessem participado deste tipo de programa, fossem para o ar e desabafassem todas as suas angústias, suas preocupações. Gente que até trabalha com rádio, mas nunca teve oportunidade real de se expressar no ar. Enfim, apaixonados por esse veículo de comunicação, como o Luiz Carlos, o Heitor, o Alex, o José Antonio, entre outros.

Uma das tendências atuais no radiojornalismo é que o ouvinte além de ligar para questionar, dá sua opinião. Nesse trabalho, fomos além dessa tendência, ampliando o conceito de interatividade que existe no meio, afinal, levamos o ouvinte para dentro da emissora e para “dentro do Rádio”.

Se utilizou a mesa-redonda como formato para a execução do programa, e como tal, propensa a confrontação e complementação de idéias. No Estúdio Aberto foram poucos os momentos onde houve discussões abertas sobre um determinado assunto. A busca por um ponto de vista em comum foi predominante durante os quatro programas, o que não deixou de ser uma das formas mais ágeis e atraentes de polemização no rádio.

A maneira que se trabalhou a entrevista, não deixa dúvidas de que se buscou um modo mais humano para a obtenção de opiniões. É a busca do diálogo possível, muitas vezes sufocada pelas técnicas convencionais.

Cada programa trouxe uma surpresa. E a medida que se sucederam, se aprendeu com os próprios erros, e com eles, se cresceu. Quatro programas não foram suficientes para o aperfeiçoamento do Estúdio Aberto.

Durante alguns meses, vivemos o sonho da democratização da informação. Sonho que em 1932, já fazia Bertolt Brecht afirmar que a radiodifusão poderia ser o maior meio de comunicação já imaginado na vida pública, se conseguisse fazer com que o ouvinte não apenas escutasse, mas também falasse...

É da necessidade de se dar espaço às vozes sufocadas pela ditadura da informação e da necessidade que se tem de criar e inovar no rádio, que se pode afirmar, com certeza, que é possível se produzir um programa radiojornalístico tendo o ouvinte como debatedor.

PRADO, Emilio. *Estrutura da Informação Radiofônica*. São Paulo: Summus, 1989.

BACHMAN, Katy. *Sete tendências a observar no rádio AM*. Revista Abert n°110 - abril - pp.08-09. São Paulo: Associação Brasileira de Rádio e Televisão, 1996.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *O Rádio no Brasil*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

MORIN, Edgar. *Sociologia- A sociologia do micro social ao macro planetário*. Portugal: Publicações Europa-América, 1984.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio*. 2ª Edição. São Paulo: Summus, 1985.

PALMA, Gláise Bohrer. *A história oral na captação de uma reportagem documental da Rádio Universidade*. Projeto Experimental de Conclusão de Curso. Santa Maria: UFSM, CCSH, Faculdade de Comunicação Social, 1995.

PRADO, Emilio. *Estrutura da Informação Radiofônica*. São Paulo: Summus, 1989.

REZENDE, Sidney. *A grande força do rádio*. Revista da Comunicação, nº40 - junho - pp.15-16. Rio de Janeiro: Agora Comunicação Integrada Ltda., 1995.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. *Caderno didático*. Santa Maria: UFSM, CESH, Faculdade de Comunicação Social, 1996.

TRAMONTINA, Carlos. *Entrevista*. São Paulo: Globo, 1996.

Sem eles, nenhum Estúdio Aberto seria possível.

Maria Leodina Vieira - É professora aposentada da UFRJ, com isso, sobra um tempo pela manhã para ouvir rádio e se consolar com o sensível ouvir rádio. Durante esse período, ela escuta por várias em séries, sendo, porém, seus programas determinados. No seu apartamento, existem três aparelhos, sendo o da sala seu preferido. Raras foram as vezes em que pegou o telefone para ligar para alguma emissora, quando isso aconteceu, foi para se informar sobre programação, entre outros serviços.

Alessandra Cavallotti - É fumante, já um realista, e como não precisa estar bem informada. Para isso, nada melhor do que o veículo que fornece informações de maneira mais eficiente. Alessandra tem em sua formação acadêmica e pessoal, o rádio como um companheiro, podendo ser ouvido através de quatro aparelhos na sua casa. Se depender de seu pai, ele passa as 24h do dia ligado, enquanto Alessandra gosta sempre depois do meio-dia.

Anexos

1

Racella Marcondes - Essa jovem professora universitária admira a versatilidade que esse veículo proporciona. Quando não está lecionando, procura ouvi-lo como fonte de lazer e informação, seja no carro ou em casa, onde tem seu aparelho próprio.

Dalila Paz - Trabalha há anos com rádio e a cada momento se sente ainda mais apaixonada por ele. "Val" não tem horário certo para ouvir, afinal, ele está sempre ligada. Prova disso é que sempre tem um aparelho ligado em casa. Ela tem apenas dois filhos que estão distraídos com a televisão.

Cláudia Motta - É a técnica de publicidade e Propaganda, depende do rádio para a maioria das atividades quando trabalha, que são veiculadas em vários pontos da cidade. Ela gosta de ouvir a que tem outros profissionais e está produzindo.

Fritz Azeite - É jornalista e sempre se mantém na produção radiojornalista da Rádio. Ele gosta de ouvir a que tem outros jornalistas. Para ele, a informação é um valor inestimável. Ele gosta de ouvir a que tem outros jornalistas. Fritz costuma ligar para lançar questões e comentários de seu programa pela manhã, que é o horário nobre do Rádio.

Sem eles, nenhum Estúdio Aberto seria possível...

Maria Leodina Vieira - É professora aposentada do Estado, com isso, sobra um tempo pela manhã para uma prática que considera indispensável: ouvir rádio. Durante esse período, ela passeia por várias emissoras, onde já tem seus programas determinados. No seu apartamento, existem dois aparelhos, sendo o da sala seu preferido. Raras foram as vezes em que pegou o telefone para ligar para alguma emissora, quando isso aconteceu, foi para se informar sobre temperatura, entre outros serviços.

Alessandra Cavalheiro - É formanda em jornalismo, e como tal, precisa estar bem informada. Para isso, nada melhor do que o veículo que transmite informações da maneira mais eficiente. Alessandra tem em sua formação acadêmica e pessoal, o rádio como companheiro, podendo ser ouvido através de quatro aparelhos na sua casa. Se depender de seu pai, ele passa as 24h do dia ligado, enquanto Alessandra gosta de escutar sempre depois do meio-dia.

Jocélia Mainardi - Essa jovem professora universitária admira a versatilidade que esse veículo proporciona. Quando não está lecionando, procura ouvi-lo como fonte de lazer e informação, seja no carro ou em casa, onde tem seu aparelho próprio.

Valdélia Paz - Trabalha há anos com rádio e a cada momento se torna ainda mais "viciada" por ele. "Val" não tem horário certo para ouvir, afinal está sempre "ligada". Prova desse fascínio, é que até no banheiro tem um aparelho de rádio...Existem ainda mais três, que estão distribuídos pela sua casa.

Tatiane Vieira - É estudante de Publicidade e Propaganda, depende do rádio para sua formação acadêmica, criando trabalhos que são veiculados em várias emissoras da cidade. Gosta de analisar o que os outros profissionais estão produzindo.

Fritz Nunes - É uma pessoa que sempre acompanhou a produção radiojornalística da Rádio Universidade, até mesmo por ser jornalista. Para ele, a informação é um valor incontestável, deve ser algo de domínio público. Fritz costuma ligar para lançar questões e opinar. Gosta de se informar pela manhã, que é o horário nobre do Rádio.

José Antonio Bertazzo - É administrador de empresa, logo não tem muito tempo para ouvir atentamente sua programação preferida. Quando sobra espaço, participa de maneira ativa, ligando para opinar e questionar. Foi o único a inscrever-se para debater no Estúdio Aberto, ressaltando o ótimo nível da programação da Rádio Universidade.

Odil Matheus Fontella - Características incomuns descrevem esse estudante de vinte anos. A primeira é que apesar de jovem, já é formando em jornalismo; a segunda é que não gosta de ouvir rádios FM, traço presente entre essa faixa etária. Prefere a programação das AM's, que na sua opinião são mais informativas, principalmente de manhã cedo, entre sete e oito e meia.

Luiz Carlos da Costa - Tem em seu aparelho portátil, a companhia ideal para lhe acompanhar pelas longas madrugadas. Luiz é porteiro residencial, e assim como milhares de trabalhadores noturnos, sente a necessidade de um certo contato "humano", muitas vezes saciado por um simples e tão importante objeto de pilha.

Edson Miltz - Edson é funcionário da Universidade e tem o hábito de ouvir até mesmo em seu trabalho, a própria Rádio Universidade é uma de suas preferidas. Quando está em casa, se a TV não estiver ligada no noticiário, o rádio está, para informar e entreter. Além disso, ele sente falta de um telefone, pois várias vezes teve vontade de participar de alguns programas de uma maneira mais ativa.

Heitor Baiotto - É uma pessoa polivalente. Por ser extremamente ocupado, tem pouco tempo para dar atenção aos seus quatro aparelhos, mas quando sobra um "espacinho", aproveita para estar em dia com que acontece pelo mundo.

Rafael Durand - Estudante de música que se interessa principalmente pelo jornalismo cultural. Em seu quarto, o aparelho de som está sempre sintonizado em alguma emissora da cidade. A análise musical não fica fora de seu hábito, o que torna possível o exercício de outras atividades simultâneas.

Evandro Dotto - Ao acordar seu aparelho é ligado. A partir daí, ele o utiliza, principalmente, como relaxamento. Todo dia é assim para esse estudante de Educação Física. Também não há dúvidas de que ele adquiriu o hábito, devido a seu pai, que é mecânico e utiliza o rádio como companheiro de trabalho. Além disso, Evandro diz que sempre que pode participa da programação de algumas emissoras, principalmente em concursos ou sorteios.

Alex Freitas Corrêa - Para ele não importa o que está sendo transmitido, tendo um aparelho por perto, ele "faz a festa". Não pára em nenhuma estação, mesmo quando está estudando ou começando a dormir. Apesar dessa "infidelidade", ressalta a importância das AM's para a transmissão de informações e cultura.

Sérgio Cruz & Celso Franzen - Os dois têm muitas semelhanças: ambos são radialistas, apaixonados por rádio e têm quatro aparelhos em casa. Porém algumas distinções devem ser feitas: Sérgio sempre que está livre, ouve rádio e até liga, de vez em quando, para outras emissoras onde sabe que trabalham amigos seus. Franzen quer distância de tudo isso, no caminho para casa as coisas começam a se evidenciar: no próprio som do carro, só escuta fita cassete, e ao chegar no "lar doce lar", não liga um aparelho, a não ser para ouvir um *CD* ou um disco.

Não há dúvidas de que eles são peças fundamentais para o andamento de um programa de rádio, eis alguns roteiros de três Estúdio Aberto. O segundo, o terceiro e o último, infelizmente o primeiro se perdeu, e não foi possível encontrá-lo.

Porém antes de ler os roteiros, você terá a oportunidade de ler os textos de abertura e encerramento do programa. Além do spot promocional e a chamada do primeiro programa:

PROMOCIONAL

Você já deve ter ouvido programas de debates no rádio, mas nunca teve chance de participar de verdade.

Em setembro, você vai ter essa chance.

ESTÚDIO ABERTO

Um programa de debates onde você assiste e o debatemos. O Estú no este Aberto para debater temas do cotidiano dia-a-dia.

E você pode fazer parte da mesa de debates. É só ligar para a Rádio Universidade e se inscrever.

Afinal, o estúdio está aberto.

ESTÚDIO ABERTO, todos os quartos de cinco e meia da tarde aqui na Rádio Universidade.

Anexos

2

CHAMADA DO PROGRAMA

Você já deve ter ouvido programas de debates no rádio, mas nunca teve chance de participar de verdade.

Em setembro, você vai ter essa chance.

ESTÚDIO ABERTO

Um programa de debates onde você assiste e o debatemos. O Estú no este Aberto para debater temas do cotidiano dia-a-dia.

E você pode fazer parte da mesa de debates. É só ligar para a Rádio Universidade e se inscrever.

Afinal, o estúdio está aberto.

ESTÚDIO ABERTO, todos os quartos de cinco e meia da tarde aqui na Rádio Universidade.

Afinal, o estúdio está aberto.

ESTÚDIO ABERTO, todos os quartos de cinco e meia da tarde aqui na Rádio Universidade.

Afinal, o estúdio está aberto.

ESTÚDIO ABERTO, todos os quartos de cinco e meia da tarde aqui na Rádio Universidade.

ABERTURA

Bom dia, bom dia, bom dia.

É um prazer ter você aqui conosco hoje e por isso vamos começar.

ESTÚDIO ABERTO, o programa de debates onde você assiste e o debatemos, começando.

ENCERRAMENTO

Foi um prazer ter você aqui conosco hoje e por isso vamos encerrar.

Vamos nos preparar para a próxima edição e esperamos que você participe.

ESTÚDIO ABERTO, todos os quartos de cinco e meia da tarde aqui na Rádio Universidade.

Afinal, o estúdio está aberto.

Afinal, o estúdio está aberto.

Não há dúvidas de que eles são peças fundamentais para o andamento de um programa de rádio, eis alguns roteiros de três Estúdio Aberto. O segundo, o terceiro e o último, infelizmente o primeiro se perdeu, e não foi possível encontrá-lo.

Porém antes de ler os roteiros, você terá a oportunidade de ler os textos de abertura e encerramento do programa. Além do spot promocional e a chamada do primeiro programa:

PROMOCIONAL:

Você já deve ter ouvido programas de debates no rádio, mas nunca teve chance de participar de verdade.

Em setembro, você vai ter essa chance.

ESTÚDIO ABERTO.

Um programa de debates onde você, ouvinte, é o debatedor. O Estúdio está Aberto, para debater temas do nosso dia-a-dia.

E você pode fazer parte da mesa de debates. É só ligar para a Rádio Universidade e se inscrever.

Afinal, o estúdio está aberto.

ESTÚDIO ABERTO, todas as quartas, as cinco e meia da tarde, aqui na Rádio Universidade.

CHAMADA 1º PROGRAMA:

Você já deve ter ouvido programas de debates no rádio, mas nunca teve chance de participar de verdade.

Em setembro, você vai ter essa chance.

ESTÚDIO ABERTO.

Um programa de debates onde você, ouvinte, é o debatedor. O Estúdio está Aberto, para debater temas do nosso dia-a-dia.

E você pode fazer parte da mesa de debates. É só ligar para a Rádio Universidade e se inscrever.

O tema do primeiro programa é VÍCIOS E MANIAS, de que maneira influenciam a nossa vida? É possível viver sem eles?

Ligue pra cá,

deixe seu nome e telefone, que a equipe de produção do ESTÚDIO ABERTO vai entrar em contato com você.

Afinal, o estúdio está aberto.

ESTÚDIO ABERTO, todas as quartas, as cinco e meia da tarde, aqui na Rádio Universidade.

ABERTURA:

O Estúdio já está Aberto.

Temas do nosso dia-a-dia debatidos por pessoas como você.

ESTÚDIO ABERTO, o programa de debates onde você, ouvinte, é a autoridade, está começando.

ENCERRAMENTO:

Você esteve no nosso ESTÚDIO, que esteve ABERTO a suas participações.

Voltamos na próxima semana, com a certeza da sua participação.

ESTÚDIO ABERTO, quartas, as cinco e meia da tarde, aqui na Rádio Universidade.

ESTÚDIO ABERTO - Preconceito

Primeira pergunta a respeito do hábito de ouvir rádio...

Perguntas gerais

- Você se considera uma pessoa preconceituosa?

Pergunta quem tem filhos e lança essa questão?

- De que maneira você educa seus filhos, em relação ao preconceito?

Quem não tiver, pergunta isso:

- De que maneira você foi educado?
- Você já presenciou situações onde pessoas foram discriminadas por alguma razão?
- Antigamente as pessoas eram mais preconceituosas, ou não?
- Você já foi discriminado por alguma circunstância?

Preconceito contra mulheres

- Segundo dados da ONU, as mulheres brasileiras ganham 24% menos que os homens, e segundo o IBGE 40%.
- Você acredita que as mulheres, apesar dos avanços continuam exercendo atividades tipicamente femininas, como secretária, doméstica ou nos setores de saúde e educação?
- Para você, o machismo é algo dominante no nosso dia-a-dia?

Preconceito racial

- A atriz Zezé Motta afirmou em uma entrevista na revista Isto É, que um exemplo típico de racismo acontece quando em anúncios de jornal que pedem moças e rapazes de "boa aparência". Esta intrínseco que o candidato precisa ser branco. Mesmo que seja um negro com ótimo currículo, a prioridade será sempre do branco.
- Zezé afirma que o negro ganha menos que as mulheres, que ganham menos que os homens.
- O ex-Senador da República Jarbas Passarinho, afirma que não há racismo no Brasil. "Não temos nada que se assemelhe ao apartheid que existiu na África do Sul ou à discriminação que, nos Estados Unidos, produziu uma

sangrenta campanha pelos direitos civis. A sociedade brasileira não é racista e ,prova disso, é que não há clubes exclusivos para brancos. Se o negro não é admitido lá dentro, o que existe é preconceito econômico. Preto não entra no clube porque é pobre.”

Lembra - Jarbas Passarinho coloca uma questão interessante:

quiser “ O curioso é que, se há algum tipo de preconceito racial, ele é cultivado pelos próprios negros. Por que Pelé e Romário escolhem mulheres brancas para o casamento? Parece que, ao ascender socialmente, o negro brasileiro tende a desprezar a própria raça.”

Preconceito contra pessoas com deficiências

Preconceito contra pessoas de diferentes classes sociais

ÚLTIMAS PERGUNTAS

O Estú - Qual a pior forma de preconceito para você?

- O que você achou em ter participado desse programa?

CULTURA EM SANTA MARIA

Faz a primeira pergunta dos seguintes:

1. S.M. ainda merece o título de cidade cultural? Algum dia mereceu? Quando foi?
2. (Por que esse título é ostentado ainda hoje? Só por causa da UFSM?)
3. A população flutuante da cidade, formada basicamente por estudantes, não deveria contribuir para o desenvolvimento cultural da cidade, já que deveriam “consumir” cultura? Ou isso só por serem estudantes e muitos poucos trabalharem, não tem condições econômicas para esse tipo de “consumo”?
4. O empresariado, que tradicionalmente apoia cultura em Santa Maria, não seria um pouco culpado por essa falta de cultura?
5. Ou seria dos “promoters” do comércio que não estão sabendo “vender” a cultura para o empresariado local?
6. A cidade tem 2 cinemas, 2 boques, um teatro, um teatro propriamente dito, livrarias um tanto pobres. Como é a vida cultural? Tem que ser mais além, não é um certo desestímulo?
7. A falta de grandes empresas é uma das causas da falta de cultura?
8. O empresariado muitas vezes também não é preocupado com a cultura (por quê?)

Está começando o Estúdio Aberto, um programa da Faculdade de Comunicação Social da UFSM. Este é o terceiro programa de uma série de 4, que irão ao ar no mês de setembro aqui pela Rádio Universidade.

O programa faz parte do Projeto Experimental de conclusão de curso dos acadêmicos Fábio Codevilla e Paulo Finger.

Lembramos aos ouvintes que a participação na mesa debatedora é aberta. Quem quiser participar do Estúdio Aberto é só ligar para a Rádio Universidade, deixar nome e telefone que a produção do Estúdio Aberto vai entrar em contato com você. O telefone é o 226-1616, ramal 2377.

O programa de hoje tem como tema Cultura em Santa Maria.

Para debater esse tema, convidamos:

ESTÚDIO ABERTO

Estamos encerrando o Estúdio Aberto dessa semana. Esse é um programa da Faculdade de Comunicação Social da UFSM. Produção de Fábio Codevilla e Paulo Finger e mediação de Fábio Codevilla. Na técnica esteve

O Estúdio Aberto volta na semana que vem, às 5 e meia da tarde com o tema Educação. Lembramos que quem quiser participar do Estúdio Aberto é só ligar para a Rádio Universidade, deixar nome e telefone que a produção do Estúdio Aberto vai entrar em contato com você. O telefone é o 226-1616, ramal 2377. Até lá e uma boa noite.

CULTURA EM SANTA MARIA

Faz a primeira pergunta sobre o hábito...

1. S.M. ainda merece o título de cidade cultura? Algum dia mereceu? Quando foi?
2. (Por que esse título é ostentado ainda hoje? Só por causa da UFSM?)
3. A população flutuante da cidade, formada basicamente por estudantes, não deveria contribuir para um "crescimento" cultural da cidade, já que deveriam "consumir" cultura? Ou será que por serem estudantes e muitos poucos trabalharem, não tem condições financeiras para esse tipo de "consumo"?
4. O empresariado, que dificilmente apoia cultura em Santa Maria, não seria um pouco culpado por essa falta de cultura?
5. Ou seria dos "promoters" da cidade que não estão sabendo "vender" a cultura para o empresariado local?
6. A cidade tem 2 cinemas ½ boca, não tem um teatro propriamente dito, livrarias um tanto pobres. Como sair dessa mesmice? Ter que correr atrás não é um certo desestímulo?
7. A falta de grandes empresas é uma das causas da falta de cultura?
8. O empresariado muitas vezes também não é procurado. Isso não é uma falha?

9. O santamariense não tem o hábito de ir assistir peças teatrais, porque elas dificilmente aparecem por aqui e quando aparecem pouca gente vai assistir. O povo não vai por que elas não vem ou elas não vem por que o povo não vai?
10. O comerciário seria uma solução, como já foi através da Elegância, da So Carbers. Mas hoje em dia, o comerciário tem recursos para investir em cultura?
11. Neste aspecto, o cultural, a UFSM tem cumprido o seu papel? Tem auxiliado na formação cultural da cidade? Tem ajudado na disseminação da cultura?
12. S.M. tem produção cultural local? É boa ou não?

Faz a última pergunta de como foi ter participado...

- Maria Leodina Vieira, professora de pré-vestibular
- Sérgio Cruz, funcionario público
- Mathcus Fontella, estudante

EDUCAÇÃO

Faz a primeira pergunta...

1. Existe uma crise na educação hoje em dia?
2. De quem é a culpa? É do governo, pela falta de preocupação com a educação, por destinar pouca verba para isso?
3. Se não é do governo, é de quem?
4. Como disse o prof. Aldeides, a educação está realmente com duas correntes que podem ser apontadas: uma mais tradicional e outra mais liberal, mais crítica. Qual das 2 se encaixa mais atualmente? Ainda há espaço e aprovação para uma educação mais conservadora?
5. Se não se coliga estão utilizando uma educação mais liberal, como é que se deve educar na casa avós, hoje em dia?
6. O ensino superior público não passando por dificuldades, com falta de recursos, deve-se criar uma universidade pública mesmo assim ou pode-se deixar um terceiro grau de lado?
7. A privatização tem sido a solução para o ensino superior?
8. Apesar da existência de muitos cursos, pode-se ainda cogitar no ensino público estadual municipal?
9. Há o certo já que a grande maioria dos estudantes são universitários e alguns um pouco de an. brados das salas e aulas normais, com toda tecnologia em nível de sala de aula?
10. O trabalho é mais demandado? Comparado a outros cursos?

ESTUDO ABERTO

Estamos encerrando o estudo aberto sobre um "projeto" de divulgação de Comunicação Social da UFSM. Participam:

- José Antonio Bertozzi, administrador
- Maria Leodina Vieira, professora de pré-vestibular

ESTÚDIO ABERTO

Está começando o Estúdio Aberto, um programa da Faculdade de Comunicação Social da UFSM. Este é o nosso quarto e último programa que foi ao ar durante todo o mês de setembro aqui pela Rádio Universidade.

O Estúdio Aberto faz parte do Projeto Experimental de conclusão de curso dos acadêmicos Fábio Codevilla e Paulo Finger.

O programa de hoje tem como tema Cultura em Santa Maria.

Para debater esse tema, convidamos:

- José Antonio Bertazzo, administrador
- Maria Leodina Vieira, professora de pré-vestibular
- Sérgio Cruz, funcionário público
- Matheus Fontella, estudante

EDUCAÇÃO

Faz a primeira pergunta...

1. Existe uma crise na educação hoje em dia?
2. De quem é a culpa? É do governo, pela falta de preocupação com a educação, por destinar pouca verba para isso?
3. Se não é do governo, é de quem?
4. Como disse o prof. Alcides, a educação está realmente com duas correntes, que podem ser seguidas: uma mais tradicional e outra mais liberal, mais crítica. Qual das 2 se encaixa mais atualmente? Ainda há espaço e aprovação para uma educação mais conservadora?
5. Se nas escolas estão utilizando uma educação mais liberal, como é que se deve educar em casa as crianças hoje em dia?
6. O ensino superior público anda passando por dificuldades, com falta de recursos. Deve-se enfrentar uma universidade pública mesmo assim ou pode-se deixar um terceiro grau de lado?
7. A privatização seria uma solução para o ensino superior?
8. Apesar da também falta de recursos, pode-se ainda confiar no ensino público estadual e municipal?
9. O jovem, já que a grande maioria dos estudantes são jovens, não estariam um pouco desmotivados das salas de aulas "normais", com tanta tecnologia disponível, ao seu alcance?
10. O brasileiro é mal-educado? (Comparado a outros países)

Faz a última...

ESTÚDIO ABERTO

Estamos encerrando o Estúdio Aberto. Esse foi um programa da Faculdade de Comunicação Social da UFSM. Participaram:

- José Antonio Bertazzo, administrador
- Maria Leodina Vieira, professora de pré-vestibular

- Sérgio Cruz, funcionário público
- Matheus Fontella, estudante

Produção de Fábio Codevilla e Paulo Finger e mediação de Paulo Finger. Na técnica esteve

O Estúdio Aberto vai se despedindo, já que este foi o nosso último programa.

Queremos agradecer a todos que participaram como debatedores nestes 4 programas. Queremos agradecer também o apoio dado pela diretora da Rádio Universidade, Aurea Fonseca e a toda equipe técnica da Rádio e ao nosso orientador e mestre, Paulo Roberto Araújo.

Obrigado a todos que, junto com a gente, tentaram tornar o rádio um meio ainda mais democrático nas discussões do nosso dia-a-dia.

Lembramos aos ouvintes da Rádio Universidade que o programa Rádio Ativo estará de volta dia.....de outubro, a partir da 5 horas da tarde, com os acadêmicos do 6º semestre de jornalismo da FACOS.

O Estúdio Aberto vai ficando por aqui.

A todos uma boa noite.

